

DISCUTINDO O PRECONCEITO, COM A PARTICIPAÇÃO DE MARCHINHAS DE CARNAVAL E DE OUTRAS MÚSICAS, PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA.
DISCUSSING THE PREJUDICE WITH THE PARTICIPATION OF POPULAR CARNIVAL SONGS AND OTHER MUSIC FOR THE TEACHING OF GEOGRAPHY.
DISCUTIENDO EL PREJUÍCIO, CON LA PARTICIPACIÓN DE CANCIONES POPULARES DE CARNAVAL Y OTRAS MÚSICAS, PARA LA ENSEÑANZA DE GEOGRAFÍA.

Rui Ribeiro de Campos^(*)

Resumo

Este texto procura elaborar uma análise sobre os preconceitos existentes no Brasil, faz uma breve retrospectiva do racismo científico, define alguns conceitos, discute brevemente o papel de livros didáticos, inclusive a "estratégia do silêncio", realiza uma apologia das ações afirmativas e analisa preconceitos em relação a negros, mulheres, nordestinos, judeus e homossexuais, colocando marchinhas de Carnaval e músicas da MPB para serem utilizadas para o estudo deste tema em aulas de Geografia.

Palavras-chave: Preconceito – Racismo – Geografia – MPB

Abstract

This text aims to elaborate an analysis of the existing prejudice in the Brazil, provides a brief retrospective of scientific racism, defines some concepts, briefly discusses the role of textbooks, including the "strategy of silence", realizes a apology of the affirmative actions and analyzes preconceptions concerning African Americans, women, northeastern people, Jews and homosexuals, placing popular Carnival songs and Popular Brazilian Music (MPB) songs to be used in the study of this subject in classes of Geography.

Key Words: Prejudice – Racism – Geography – MPB

Resumen

Este texto objetiva elaborar un análisis acerca de los prejuicios existentes en Brasil, hace una corta retrospectiva del racismo científico, define algunos conceptos, discute brevemente el papel del libro didáctico, incluyendo la "estrategia del silencio", hace una apología a las acciones afirmativas y analiza los prejuicios con respeto a los negros, las mujeres, los originarios del norestes norestinos, los judíos y los homosexuales, poniendo canciones populares del carnaval y canciones de la Música Popular Brasileña (MPB) para que sean empleadas en el estudio de este tema en clases de Geografía.

Palabras clave: Prejuicio - Racismo - Geografía – MPB

Apresentação

“Nem tudo o que se enfrenta pode ser modificado, mas nada pode ser modificado se não for enfrentado.”
(James Baldwin)

Sabe-se hoje que não existem raças humanas; todos pertencemos a uma só raça. Mesmo assim, vai se utilizar o termo racismo, não somente no sentido de fobia em relação a alguma etnia, mas também para determinados grupos como mulheres, deficientes físicos, nordestinos, judeus, homossexuais e outros. A existência do nazismo demonstrou que o princípio da exclusão de qualquer grupo, quando radicalizado, leva ao ódio e à morte. Entretanto, em alguns países, ele permanece de forma sutil e em outros têm ocorrido uma recrudescência de manifestações

^(*) Graduado em Geografia, Mestre em Educação, Doutor em Geografia e professor de Epistemologia da Geografia, Pensamento Geográfico Brasileiro e Geografia Política na Faculdade de Geografia da PUC-Campinas.

claramente “racistas”. Constituem estereótipos negativos contra grupos tratados como sendo “outros” em nossa sociedade, como aqueles que devem ser banidos.

Estereótipos são clichês sempre repetidos e não questionados, que transformam em verdade universal alguma coisa que foi observada em uma ou outra pessoa. Ocorre por ignorância ou pela existência de um objetivo de tirar proveito de determinada situação. Suas raízes se encontram principalmente no etnocentrismo europeu, notadamente a partir do século XV, quando os valores europeus foram colocados como universais e os únicos aceitáveis, sendo inferior tudo o que diferia de suas práticas culturais. Claro que isso é mais antigo, já ocorrendo na Grécia Clássica, onde os estrangeiros que não partilhavam a língua e os valores culturais eram cognominados de “bárbaros”: os inferiores.

No próprio mundo medieval europeu cristão, quem não era católico era “bárbaro”, que poderia se transformar pela conversão e pelo batismo. No século XVI o termo bárbaro designava, na Europa, os povos não-cristãos e os selvagens. Leach (1989) afirmou que:

[...] desde o início da “expansão européia” os invasores tiveram tendência para tratar todos os novos povos descobertos, do sul da África e das Américas, como seres pouco humanos, uma doutrina conveniente que implicava que eram objetos legítimos para escravatura, exploração e extermínio. (*apud* SEYFERTH, 2002, p. 19)

No século XVIII, a noção de raça se tornou o paradigma dominante, sendo a economia e outros aspectos ditados pelas leis da natureza – consideradas superiores –, incluindo, portanto, a desigualdade entre as pessoas. Naquele momento se explicava as diferenças étnicas e sociais com base no primado das leis da natureza. Fez-se a gradação das “raças”, em uma escala de valor intelectual, hierarquizando os grupos humanos. “*Esse é um exemplo do princípio que rege certos determinismos biológicos – a hierarquia segue os desígnios da natureza; como consequência, as próprias classes sociais e a divisão de gênero são conformadas pela anatomia.*” (SEYFERTH, 2002, p. 25) O conceito de raça foi desenvolvido na Europa, colaborou para a demarcação de pertencimentos nacionais, para excluir minorias incômodas, e foi útil para a expansão capitalista, embora não criada por esta.

Desde o século XIX, o Estado-nação procurava reconhecer como cidadãos de seu país os classificáveis como nacionais, o que supunha uma harmonia identitária entre Estado, nação e povo. Isto, na prática, inexistiu. Daí o estabelecimento de “minorias” que perturbam a ordem; estas não são necessariamente numéricas, como exemplificam as mulheres em diversos países e os negros da África do Sul. Por isso, neste texto, minorias é um grupo que ocupa uma posição econômica, social e política desvantajosa.

Deste modo, diferenças culturais foram marcadas como sinônimo de desigualdade, configurando sentimentos e práticas de etnocentrismo e de “racismo”, apesar da inexistência de raças humanas.

No combate ao preconceito há o perigo de valorizar demasiadamente o grupo discriminado, que passa a discriminar o grupo dominante; aí continua a visão, com agora o “racismo invertido”. Esta procura obsessiva em afirmar sua própria identidade, de ser “sujeito”, pode levar a não aceitar outros grupos, fazendo-o devolver tudo o que lhe foi feito, chegando até a atos de xenofobia. Pois grupos que procuram reivindicar sua identidade podem tender a excluir os demais; este “nacionalismo” exacerbado pode acarretar em guerras civis. Como se vê, em todos estes atos está presente o princípio da exclusão.

As diversidades culturais significam riqueza e necessitam ser mantidas. As culturas se equivalem, cada uma em seu meio, sendo somente diferentes. Elementos de uma cultura podem migrar para outra, enriquecendo-a. E grande parte dos discursos que surgiram para combater o racismo acabou se consolidando em um discurso intransigente, de “ressentimento” e até hostil.

O ressentido tende a fazer de sua derrota e de seu fracasso a sua glória, transformando a lamentação e a queixa em forma privilegiada de contato com o mundo. Ele se volta contra os que estão na liderança, atribuindo-lhes toda a responsabilidade pela sua situação. Lutar para

sair da condição de “vencido” não é próprio do ressentido; este se prende nostalgicamente ao passado, preferindo viver das glórias de tempos idos. (BERND, 1994, p. 32)

Isto pode também levar a um narcisismo autoritário, com uma visão voltada para o passado e sempre reivindicando o estatuto de vítimas.

Foi isso que Martin Luther King (1929-1968), Prêmio Nobel da Paz em 1964, tentou evitar, pautando sua luta no reconhecimento da igualdade entre brancos e negros e no princípio da não-violência. Desejava uma sociedade daltônica, na qual as pessoas não seriam julgadas pela cor da pele mas pelo seu caráter. Era um pouco diferente do que propõe a letra a seguir, mas ela é importante pela época em que saiu a gravação do disco, em plena ditadura militar, onde a censura evitava qualquer manifestação contra a nossa “democracia racial”.

Tributo a Martin Luther King (Wilson Simonal/Ronaldo Bôscoli)

Sim, sou negro de cor / Meu irmão de minha cor / O que te peço é luta, sim, luta mais / Que a luta está no fim / Lá Lá Lá Lá Lá Lá Lá! / Lá Lá Lá Lá Lá Lá Lá! / Oh! Oh! Oh! Oh!
Cada negro que for / Mais um negro virá / Para lutar com sangue ou não / Com uma canção também se luta, irmão / Ouvir minha voz / Oh! Yes / Lutar por nós
Luta negra demais (luta negra demais) / É lutar pela paz (é lutar pela paz) / Luta negra demais / Para sermos iguais / Para sermos iguais

Como outros pacifistas, como Ghandi, Martin Luther King também morreu assassinado em 05 de abril de 1968.

Definindo alguns conceitos

Diversos termos são utilizados neste tema – preconceitos, estereótipos, minoria, discriminação, segregação e racismo –, que não são necessariamente sinônimos, pois existe certa gradação entre eles. Alguns já foram esclarecidos. Outros não, como Preconceito (em francês: *préjugé*; pré-julgamento), que é uma opinião formada “[...] *antecipadamente, sem maior ponderação ou conhecimento dos fatos; julgamento ou opinião formada sem levar em conta os fatos que o contestem.*” (BERND, 1994, p. 09) O preconceituoso é aquele que se fecha em sua opinião, não aceitando ou não querendo ouvir fatos que contestem, embora ninguém goste de ser tachado de preconceituoso por ser um termo pejorativo. Às vezes é usado para desqualificar a opinião do outro, sem a apresentação de fatos que comprovem.

Discriminar ou segregar é separar, apartar, delimitar espaços para pessoas de um grupo considerado inferior, como ocorreu no sul dos EUA ou no *apartheid* sul-africano. Estes casos eram oficiais, eram inscritos em lei. Isto não significa que a inexistência de leis discriminatórias ou a existência de leis prevendo a punição de atos segregacionistas sejam garantias de que não existe; o Brasil é uma prova disso.

Ao menos, o *apartheid* da África do Sul acabou. O bispo sul africano da Igreja Anglicana, Desmond Tutu, recebeu o Prêmio Nobel da Paz em 1984, por sua luta contra ele, e o negro Nelson Mandela, que ficou preso de 1962 até fevereiro de 1990, foi eleito presidente da África do Sul (e o foi até 1999). A canção a seguir, de 1985, gravada por Gilberto Gil, obteve um final feliz e demonstra que, quando uma luta envolve milhões de pessoas, ela pode sair vitoriosa.

Oração pela libertação da África do Sul (Gilberto Gil)

Se o Rei Zulu já não pode andar nu / Se o Rei Zulu já não pode andar nu / Salve a batina do bispo Tutu / Salve a batina do bispo Tutu
Ó Deus do céu da África do Sul / Do céu azul da África do Sul / Tornai vermelho todo sangue azul / Tornai vermelho todo sangue azul
Já que vermelho tem sido todo sangue derramado / Todo corpo, todo irmão, chicoteado, Yô / Senhor da selva africana irmã da selva americana / Nossa selva brasileira de Tupã / Senhor, irmão de Tupã, fazei / Com que o chicote seja por fim pendurado / Revogai da intolerância a lei / Devolvi o chão a quem no chão foi criado

Ó, Cristo Rei, branco de Oxalufã / Ó, Cristo Rei, branco de Oxalufã / Zelai por nossa negra flor pagã/ Zelai por nossa negra flor pagã
Sabei que o Papa já pediu perdão / Sabei que o Papa já pediu perdão / Varrei do mapa toda escravidão / Varrei do mapa toda escravidão.

Racismo, anteriormente, era uma teoria que acreditava na superioridade de certas raças, com base em leis biológicas ou em credências, que preconizava a segregação ou a extinção de certas minorias. Era contra cruzamentos “inter-raciais” (pois degenerariam a “*raça superior*”) e advogava o direito da superior dominar as outras. Albert Memmi, em 1972, assim definiu este termo: “*Racismo é a valorização, generalizada e definitiva, de diferenças biológicas, reais ou imaginárias, em proveito do acusador e em detrimento de sua vítima, a fim de justificar uma agressão.*” (apud BERND, 1994, p. 13) Giralda Seyferth afirmou que, “[...] *como conceito, racismo diz respeito às práticas que usam a idéia de raça com o propósito de desqualificar socialmente e subordinar indivíduos ou grupos, influenciando nas relações sociais.*” (SEYFERTH, 2002, p. 28) A ciência atual comprovou ser impossível se aplicar o termo raça para os diversos grupos humanos, e muitos têm substituído o termo raça por grupos étnicos¹.

Vivências culturais diversificadas e outros fatores acabaram criando diversos grupos culturalmente definidos ou nações. Por isso é destituída de qualquer significado científico a afirmação sobre “pureza das raças” ou que a miscigenação seja algo negativo, até porque não existe grupo que ficou à margem de contato com outros. Nas teorias “científicas” do século XIX imperou o horror à mistura de raças (mixofobia), que traria a degeneração. Em sua origem estão os postulados do racismo: desigualdade entre as etnias (grupos superiores e inferiores), cada tipo possui uma qualidade específica de sangue, a mestiçagem beneficia somente a raça inferior, e outros.

O caráter degenerativo da mestiçagem tornou-se, desde então, um dos temas predominantes do racismo. O darwinismo social, a eugenia, as teses lombrosianas do criminoso nato etc. condenaram a mestiçagem, usaram e abusaram da idéia de pureza racial. (SEYFERTH, 2002, p. 27)

Também existem aqueles que fazem apologia da mistura de raças (mixofilia). Entretanto, o termo racismo permanece sendo utilizado, tanto em referência a diferenças biológicas (pele, odor, nariz, crânio, tamanho) quanto a outras diferenças (idade, sexo, religião, gordura, pobreza e outras) desvalorizadas por um grupo hegemônico em determinada sociedade. Por essas razões, permanece inclusive neste texto.

As teorias preconceituosas européias passaram a ser mais divulgadas após a conquista da América, com a denominação equivocada de “índios”, considerados como seres inferiores, com o objetivo inicial de justificar a atrocidade dos ibéricos. Com a ligação destes com a Igreja Católica, colocavam em dúvida se eles tinham alma e, na dúvida, poderiam ser escravizados. O mesmo ocorreu com os negros africanos para legitimar a instituição de sua escravidão.

O termo raça começou a ser mais utilizado a partir do século XVI e era em relação ao mundo animal. Começou a ser aplicado mais ao ser humano a partir do século XVII. As teorias já chamadas de racistas tiveram grande destaque no século XIX, notadamente com o Conde de Gobineau (1816-1882)², que com seu livro “Ensaio sobre a desigualdade das raças humanas”, influenciou diversos escritores brasileiros.

¹ Grupos étnicos vêm de “*ethos*”: povo, designando um grupo culturalmente homogêneo. Na Antropologia, grupo étnico “[...] *não comporta uma definição com base em características físicas.*” (FGV, 1987, p. 436)

² Jean-Jacques Chevalier afirmou que, segundo Gobineau, “*A superioridade cabia à raça branca e, no próprio seio desta, aos arianos, e, entre eles, ao ramo germânico, que permanecera por muito tempo sem mistura, enquanto os ramos celta e eslavo se haviam mestiçado de amarelo. [...] Os alemães atuais eram ‘muito pouco germânicos’. Assim, a humanidade, pelo fato de se esgotar inexoravelmente a parte do sangue ariano, marchava sem remissão para a decadência.*” (apud ADAS, 1979, p. 115) Outros racistas conhecidos foram Houston Stewart Chamberlain, autor de “Sessões do século XIX” (1899), que afirmava que o importante era possuir a raça na consciência e Vacher de Lapouge, autor de “O ariano e seu papel” (1899) que, a partir de Gobineau, “[...] *acrescentava que, através de processos*

Após a Segunda Grande Guerra, e graças ao nazismo, a ONU passou a condenar todas as formas de racismo, o que não significa que o mesmo tenha acabado. Inventar culpados para depois marginalizá-los ou baní-los continua comum. É, por exemplo, o caso dos estupros de mulheres muçulmanas na Bósnia (uma “faxina étnica”, utilizando o estupro como arma de guerra), da AIDS ser por culpa dos homossexuais, das atitudes preconceituosas em relação aos negros de torcidas européias em campos de futebol, da perseguição a nordestinos na cidade de São Paulo. Ou seja, permanece a heterofobia, essa avaliação negativa de qualquer diferença e que possui, para o seu grupo, o ideal da homogeneidade.

A Estratégia do Silêncio

Uma estratégia poderosa de negação do outro é o silêncio, é relegá-lo ao esquecimento, deixando de registrar fatos de sua História. Muito do preconceito em relação ao índio e ao negro no país tem sua origem nas negligências da História, aí incluídos os livros didáticos, silenciando sobre sua participação em rebeliões e/ou guerras. Sobre o total de escravos negros no país é difícil saber em virtude da ação de Rui Barbosa (1849-1923). Infelizmente ele, que afirmava que nosso inimigo interno era a *ignorância* popular, cometeu um crime para a História e a Geografia brasileiras quando, como Ministro da Fazenda, estimulou a queima de inúmeros documentos relativos à escravidão para “*apagar essa mancha da história do Brasil*”, expressão que significava: dificultar que proprietários de escravos exigissem indenização por causa da Abolição da escravatura. Passagens importantes da escravidão brasileira como insurreições e fugas foram omitidas. Quase nada se sabe sobre as revoltas dos Haussás e dos Nagôs na Bahia; muito pouco sobre a Revolta dos Malês em 1835; pouquíssimo sobre a existência de quilombos e rebeliões no Rio Grande do Sul. Silenciar, de modo proposital, sobre fatos históricos também é racismo.

Uma das críticas feitas a autores de livros didáticos de História, inclusive nas últimas décadas, é que eles determinaram “[...] *ao negro lugares e momentos históricos bem definidos dentro dos livros didáticos. O negro só está presente, ainda que de forma passiva e estereotipada, em apenas dois momentos da história: escravidão (Colônia) e abolicionismo (Império).*” (RIBEIRO, 2003, p. 11) O negro, quando aparece é, muitas vezes, revestido de estigmas ou discriminações. Aliás, quando os livros se referem a escravos não colocam sua cor, como se escravo fosse sinônimo de negro. Célia da Silva (1988) afirmou que nos livros didáticos:

A presença predominante é a do branco e do seu contexto sócio-econômico-cultural. Nas poucas vezes em que o negro aparece sua presença é marcada pelos estereótipos e preconceitos, que sugerem feiúra, maldade, incapacidade intelectual, desumanidade e não cidadania, ao tempo em que é distorcida ou omitida a sua história, contexto social e folclorizada sua cultura (*apud* RIBEIRO, 2003, p. 37/38)

Normalmente as camadas populares aparecem como passivas e obedientes, e isso pode influenciar os alunos. Nos livros, são as camadas privilegiadas as formadoras da nação brasileira. Além de muitos textos só se renovarem no aspecto gráfico-visual – pois a maioria se comporta como simples mercadoria –, eles não possuem articulações com outras disciplinas.

Existem livros que omitem referências a qualquer manifestação de rebeldia de escravos negros no Brasil. É comum aparecer um país sem preconceito racial, onde todos, segundo as suas características, colaboraram para a construção, para a felicidade da nação. Foram diversos destes livros os responsáveis pela disseminação do mito da “democracia racial”, que tem entre seus objetivos escamotear a realidade do negro, do índio e dos mestiços, silenciar sobre fatos relevantes de sua História, dificultar sua organização, evitar revoltas e manter o *status quo*.

Uma criança, criada em uma sociedade racializada, acaba por possuir uma visão de mundo marcada por ela. A própria consciência racial, que já se estabelece no início da vida, desenvolve-se

através das experiências vividas em seu núcleo familiar. Já na infância a criança percebe o prestígio que possui ou não o seu grupo na vida social, o que demonstra que a consciência racial precede as experiências de discriminação. Situação de injustiça social, de opressão, cria condições favoráveis para que o grupo injustiçado internalize uma imagem negativa de si mesmo.

O Racismo e/ou Preconceito Brasileiro

A procura de uma “raça brasileira” fez com que, principalmente no primeiro período de Vargas (1930-45), os alunos pobres e os negros fossem classificados como “deficientes” e, portanto, preteridos e colocados em salas de aula para alunos problemáticos. As instituições trabalhavam com a pressuposição de que crianças negras eram desajustadas e, por isso, oportunidades educacionais lhes eram negadas. Para entrar, por exemplo, no Instituto de Educação do Rio de Janeiro, as crianças tinham que passar por uma bateria de exames eugênicos, começando com o de saúde (eliminatório) e culminando com avaliações psicológicas e de temperamento, uma área subjetiva moldada pelo pensamento eugênico (que, por exemplo, equiparava *branquitude* à saúde).

O maestro Heitor Villa-Lobos (1887-1959), estimulador do canto orfeônico durante este período, compôs, para os corais escolares, canções como “Regozijo de uma raça”, uma canção patriótica, que começava com sons primitivos, supostamente africanos, e terminava com uma marcha européia, como a curar o país de heranças negativas, como definiam alguns eugenistas da época.

Negros – No passado, na África, havia Estados escravistas e escravagistas; os últimos eram aqueles que efetuaram um próspero comércio de escravos, vendidos para longe, mas não possuíam como modo de produção dominante o sistema escravista. “*Estados escravistas são aqueles em que o escravo é a principal fonte de trabalho produtivo, [...]*” (PEREGALLI, 2001, p. 19) No processo de venda de escravos, segundo o mesmo autor, houve uma participação significativa da Igreja Católica:

Quem aceitasse a escravidão como destino seria recompensado com o Paraíso, quem se revoltasse seria condenado às Chamas Eternas. Ao pregar o conformismo, ao eternizar a escravidão, o cristianismo foi utilizado como um eficiente mecanismo de controle social. (PEREGALLI, 2001, p. 21)

Portanto, ser cristão não era uma razão para não ser escravo. E este, por suspeitas de não possuir alma e por ser inferior, não podia participar ativamente das cerimônias litúrgicas católicas. E ele veio de longe para ser escravizado, depois segregado socialmente, mas colaborou com elementos essenciais à nação brasileira.

No Brasil, foi muito comum o relacionamento entre o branco patrão e a negra escrava, resultando em uma mestiçagem significativa no Brasil Colônia. Isso não significa ausência de preconceito racial, pois ela era uma propriedade dele e seria o cúmulo dizer que “o português não tinha preconceito em relação às suas escravas.” Era um ato de superioridade, pois elas não deixavam a escravidão e tinham que se submeter às vontades de seu patrão. Cabe ainda lembrar que, conforme Peregalli,

Naquela época considerava-se que uma das maneiras mais eficazes de eliminar a sífilis de um homem branco, era manter relações sexuais com uma negra virgem. Acreditava-se que a doença passava para a mulher ficando o homem branco livre deste flagelo. (PEREGALLI, 2001, p. 24)

No país, além disso, negros escravos de origens e lugares diferentes eram misturados em uma senzala para dificultar sua união.

A tese do branqueamento, que dominou no país pelo menos até a década de 1930, era uma afirmação da inferioridade dos outros (índios, negros e mestiços). Esperava-se uma assimilação cultural e também física dos europeus e o desaparecimento de negros e de mestiços mais escuros. D. João VI, ao assinar o tratado de colonização de Nova Friburgo (em 1818) para a localização de

imigrantes suíços, disse que a mesma fazia parte de um processo *civilizatório* em curso no país. Também por esta razão é que, no início da República, a imigração asiática e a africana foram proibidas.

A nação imaginada pelo nacionalismo racializado, portanto, não tinha espaço para negros nem mesmo para os indígenas e os mestiços que, na hierarquia biológica dos esquemas classificatórios fenotípicos, estavam mais próximos das “raças bárbaras”. No entanto, essa mesma nação podia incorporar aspectos significativos das culturas negras e indígenas, como expressões da cultura popular singular necessária ao princípio de nacionalidade. (SEYFERTH, 2002, p. 36)

Com a Abolição, os negros estavam livres, mas sem saber ler nem escrever na língua portuguesa, e segregados em áreas urbanas específicas. Assim, era impossível formar uma consciência de classe e/ou possuir um projeto político. E é importante lembrar ainda que “*Os brancos consentiram em abolir a escravidão, porém não convocaram os ex-escravos a participar da sociedade como homens livres; ao contrário, ergueram barreiras para isolá-los.*” (BERND, 1994, p. 49)

Daí serem os negros – e os mestiços do mesmo – um dos grupos nacionais que mais sofre de preconceito. Observe-se, por exemplo, a presença de negros nas peças de teatro brasileiro; você conhece alguma em que sua participação é expressiva? Sabe de alguma na qual ele é o personagem principal? Nas telenovelas, após protestos, eles têm recentemente aparecido com algum realce; mas durante muito tempo foram escravos, empregados domésticos ou malfeitores.

Desde 1931, em todos os carnavais, os brasileiros cantam “O teu cabelo não nega mulata / Por que és mulata na cor / Mas como a cor não pega, mulata / Mulata eu quero o teu amor”. Ou seja, só desejo o seu amor porque a sua cor não pega; se pegasse, eu não queria. Além disso, sou teu interventor, sou seu dono. Esta é uma das letras mais preconceituosas entre os grandes sucessos do Carnaval.

O teu cabelo não nega (Lamartine Babo/Irmãos Valença – 1931).

(Refrão) O teu cabelo não nega mulata / Porque és mulata na cor / **Mas como a cor não pega mulata** / Mulata eu quero o teu amor (Bis)

Tens um sabor bem do Brasil / Tens a alma cor de anil / Mulata mulatinha meu amor / Fui nomeado teu tenente interventor

Quem te inventou, meu pancadão / Teve uma consagração / A Lua te invejando faz careta / Porque mulata tu não és deste planeta

Quando meu bem vieste à terra / Portugal declarou guerra / A concorrência então foi colossal / Vasco da Gama contra o batalhão naval

A letra seguinte, feita em 1956, do negro Ataulfo Alves (1909-1969), trata inconscientemente do tema da escravidão, solicitando a volta da mesma para prender a mulata em seu coração.

Mulata assanhada (Ataulfo Alves)

(Refrão) Ô mulata assanhada / Que passa com graça / Fazendo pirraça / Fingindo inocente / Tirando o sossego da gente (Bis)

Ai, mulata se eu pudesse / E se o meu dinheiro desse / Eu te dava sem pensar / Essa terra, este céu, este mar / E ela finge que não sabe / Que tem feitiço no olhar / (Refrão) Ô mulata assanhada, [...]

Ai, meu Deus, **que bom seria / Se voltasse a escravidão / Eu comprava esta mulata** / Prendia no meu coração / E depois a pretoria / É quem resolvia a questão / (Refrão) Ô mulata assanhada [...]

A seguir, uma letra de 1967, feita por Milton Nascimento, tratando de um assunto muito comum no país. Meninos negros e brancos passavam a infância juntos, sem preconceito e, quando adultos, ocorria a situação mais comum: o negro, com sua precária instrução formal, passava a

trabalhar na propriedade do branco, e este, que já se esqueceu do companheiro, assumindo a sua posição mais elevada na sociedade.

Morro Velho (Milton Nascimento)

No sertão da minha terra, / fazenda é o camarada que ao chão se deu / Fez a obrigação com força, / parece até que tudo aquilo ali é seu / Só poder sentar no morro / e ver tudo verdinho, lindo a crescer / Orgulhoso camarada, de viola em vez de enxada

Filho de branco e do preto, / correndo pela estrada atrás de passarinho / Pela plantação adentro, / crescendo os dois meninos, sempre pequeninos / Peixe bom dá no riacho de água tão limpinha, dá pro fundo ver / Orgulhoso camarada, conta histórias pra moçada

Filho do senhor vai embora, / tempo de estudos na cidade grande / Parte, tem os olhos tristes, deixando o companheiro na estação distante / Não esqueça, amigo, eu vou voltar, / some longe o trenzinho ao deus-dará / Quando volta já é outro, / trouxe até sinhá mocinha para apresentar / Linda como a luz da lua / que em lugar nenhum rebrilha como lá / Já tem nome de doutor, / e agora na fazenda é quem vai mandar / E seu velho camarada / Já não brinca, mas trabalha.

Este sucesso do Carnaval de 1942, na voz do conjunto Anjos do Inferno, trata de modo preconceituoso do cabelo dos negros, fato que resultou em tentativas de alguns afro-descendentes em procurar alisar os cabelos. Coloca como um cabelo impossível de ser penteado.

Nega do cabelo duro (David Nasser/Rubens)

(Refrão): **Nega do cabelo duro / Qual é o pente que te penteia?** / Qual é o pente que te penteia? / Qual é o pente que te penteia, ô nega? (bis)

Ondulado permanente / Teu cabelo é de sereia / E a pergunta sai da gente / Qual é o pente que te penteia, ô nega? / (Refrão)

Quando tu entras na roda / O teu corpo bamboleia / Teu cabelo está na moda / Qual é o pente que te penteia, ô nega? / (Refrão)

Teu cabelo a fogo e flor / Tem um quê que me tonteia / Minha nega meu amor / Qual é o pente que te penteia, ô nega? / (Refrão)

Misampli a ferro e fogo / Não desmancha nem na areia / Tomas banho em Botafogo / Qual é o pente que te penteia, ô nega?

A sacralização das diferenças pode fazer com que um grupo que se sinta discriminado acabe formando guetos para preservar sua identidade e para revidar as hostilidades. È o que ocorreu com muitos judeus.

Judeus – Nos fundamentos do sionismo político está presente a sacralização da diferença, um separatismo entre israelenses e palestinos face às características que dizem que aqueles possuem. Israelense é quem adotou a cidadania de Israel e por isso não pode ser confundido com judeu. Muitos destes sofreram muito no passado, com preconceito e segregação, como ocorreu em Portugal.

No período colonial, a discriminação de base biológica pode ser observada pelo dispositivo legal dos estatutos de pureza de sangue, criados na península Ibérica muito antes da descoberta da América. Esses estatutos enfatizavam a discriminação dos judeus, até mesmo dos convertidos (cristãos novos), dos mouros e dos mestiços, apelando para o estigma do “sangue infecto” ou “impuro”. (SEYFERTH, 2002, p. 28)

No Brasil o anti-judaísmo também foi habitual. Era comum o preconceito de que todo judeu é pão-duro, rico, agiota ou outros epítetos desagradáveis. Isto pode ser observado na letra musical a seguir, que era cantada por Moreira da Silva (1902-2000), que trata todos os judeus como avarentos:

Amigo Urso (Henrique Gonzalez)

Amigo urso, saudação polar. / Ao leres esta, há de te lembrar, / daquela grana que eu te emprestei, / quando estavas mau de vida nunca te cobre. / Hoje estás bem, e eu me encontro em apuros, / espero receber e pode ser sem juros. / Este é o motivo pelo qual te escrevi, / agora quero que saibas como me lembrei de ti: / Conjecturando sobre a minha sorte, / transporte-me em pensamentos ao Pólo Norte, / e lá chegando sobre aquelas regiões, / vá vendo só quais as minhas condições: morto de fome, de frio e sem abrigo. / Sem encontrar em meu caminho um só amigo, / eis que de repente vi surgir na minha frente, / um grande urso, apavorado me senti. / E ao vê-lo caminhando sobre o gelo, / porque não dizê-lo, foi que me lembrei de ti. / Espero que mandes pelo portador, / o que não é nem um favor, estou te cobrando o que é meu. / Se mais queiras aceitar um forte amplexo, deste que muito te favoreceu: / **Eu não sou filho de judeu**, dá cá o meu.

O mesmo aconteceu com Noel Rosa (1910-1937) na letra a seguir, de 1932. Permanecia o estigma de judeu: compra barato e vende pelo dobro do preço, como se isto fosse uma atividade e um gesto comum somente a alguns judeus.

Quem dá mais (Noel Rosa)

Quem dá mais por uma mulata que é diplomada / Em matéria de samba e de batucada / Com as qualidades de moça formosa / Fiteira, vaidosa e muito mentirosa? / Cinco mil réis, duzentos mil réis, um conto de réis! Ninguém dá mais de um conto de réis? / O Vasco paga o lote na batata / E em vez de barata / Oferece ao Russinho uma mulata
Quem dá mais / por um violão que toca em falsete / Que só não tem braço, fundo e cavalete / Pertenceu a Dom Pedro, morou no palácio / Foi posto no prego por José Bonifácio? / Vinte mil réis, vinte e um e quinhentos, cinqüenta mil réis!
Ninguém dá mais de cinqüenta mil réis? / **Quem arremata o lote é um judeu / Quem garante sou eu / Pra vendê-lo pelo dobro no museu.**
Quem dá mais / por um samba feito nas regras da arte / Sem introdução e sem segunda parte / Só tem estribilho, nasceu no Salgueiro / E exprime dois terços do Rio de Janeiro
Quem dá mais? Quem é que dá mais de um conto de réis? / (Quem dá mais? Quem dá mais? Dou-lhe uma, dou-lhe duas, dou-lhe três!) / Quanto é que vai ganhar o leiloeiro / Que é também brasileiro / E em três lotes vendeu o Brasil inteiro? / Quem dá mais?

Quem emprestava dinheiro a juros elevados? De quem as pessoas ficavam presas pela dívida? Na letra de Noel Rosa, era justamente para judeus. Cabe lembrar que isto não era um preconceito somente do compositor mas a visão dominante na época.

Cordiais saudações (Noel Rosa)

(Cordiais saudações...) Estimo que este maltraçado samba / Em estilo rude, na intimidade / Vá te encontrar gozando saúde / Na mais completa felicidade / (Junto dos teus, confio em Deus)
Em vão te procurei, notícias tuas não encontrei / Eu hoje sinto saudades / Daqueles dez mil réis que eu te emprestei / Beijinhos no cachorrinho / Muitos abraços no passarinho / Um chute na empregada / Porque já se acabou o meu carinho
A vida cá em casa está horrível / **Ando empenhado nas mãos de um judeu** / O meu coração vive amargurado / Pois minha sogra ainda não morreu / (Tomou veneno, e quem pagou fui eu)
Sem mais, para acabar, um grande abraço / Queira aceitar / De alguém que está com fome / Atrás de algum convite pra jantar / Espero que notes bem, estou agora sem um vintém / Podendo, manda-me algum... / Rio, sete de setembro de trinta e um / (Responde que eu pago o selo)

O mesmo valia para turcos. Embora o Brasil tenha recebido poucos turcos e sim pessoas que residiam em terras controladas pelo Império Turco (por isso, para muitos deles, era ofensivo chamá-los de turco), como sírios, libaneses, palestinos, desenvolveu no país um mito de que todos do universo dominado pela Turquia fossem por demais apegados ao dinheiro, que economizavam na comida e na saúde para terem mais dinheiro que o necessário, e outros preconceitos. A letra a seguir, gravada em 1931, ilustra esta visão.

Pesado 13 (Noel Rosa)

Num quarto solitário / Na Rua do Rosário / Com um 13 bem na porta / Um turco lá morou / Disse o seu patrício / Que ele morreu no hospício / E cheio de aflição / Porque engoliu um tostão.
O seu nome era Rachid, / Abdula ou Farid / Nascido na Turquia / Criado na Bahia / Ele era prestamista e vigarista / Nunca perdeu de vista / O bolso de ninguém / Por causa de um vintém.
Seu quarto todo escrito / Com contas de somar / E de multiplicar / Não tinha dividir / E por economia / Pra não gastar seu sangue / Com as pulgas já famintas / Ficava sem dormir.
Em uma caixa escrita / Deixava como herança / Ao filho ainda criança / As contas por cobrar / Ele era precavido / Pro caixão ser pequeno / Morreu bem decidido / De cócoras, encolhido.
E o pesado 13 / Em uma sexta-feira / Também num dia 13 / Faz hoje quase um ano / Que teve o intestino / Por choque fraturado / Pois foi atropelado / Por um aeroplano.
Num dia em que um amigo / Ao lhe pedir abrigo / Ao ver aberta a porta / Quase morreu de horror / Pois viu por sobre a cama / O terno de Farid / E viu dependurado / Abdula num cabide.

Durante o período Vargas, houve o golpe de 1937, que instituiu o Estado Novo; a apresentação de um *plano* (falso) dos comunistas para tomar o poder — o **Plano Cohen**³ — foi a justificativa para que Vargas, apoiado pela cúpula das Forças Armadas, pelos integralistas (abandonados logo depois) e por diversos intelectuais, modificasse a Constituição, abolisse os partidos políticos e assumisse com plenos poderes. O falso plano foi atribuído a um judeu (Cohen) e ele

[...] expressaria a ameaça do judaico-comunismo internacional. Nesta peça política, o anticomunismo se juntava ao anti-semitismo, a radicalização ideológica se revestia de aspectos racistas alimentando o discurso que defendia a necessidade de um Estado forte capaz de defender a Nação de perigosos inimigos externos. (ARAÚJO, 2.000, p. 14-15)

O caráter anti-judáico também esteve presente, embora não em textos da legislação; chegou-se a proibir, através de circulares secretas do Ministério das Relações Exteriores, a entrada de judeus no país⁴. Isso não é possível fazer com quem habita o país: os nordestinos.

Nordestinos – Um movimento surgiu na região Sul do Brasil visando a constituição de uma república separatista, a República do Pampa. “*Um dos artifícios argumentativos dos adeptos deste separatismo é que os sulistas estariam cansados de ‘sustentar os nordestinos’.*” (BERND, 1994, p. 29) Na cidade de São Paulo, notadamente em momentos de crises econômicas e quando uma nordestina assumiu o cargo de prefeita do município, foram cada vez mais comuns piadas sobre nordestinos e ameaças de morte. Isto é uma espécie de “xenofobia interna”.

Uma letra, que embora não faça referências explícitas aos nordestinos, é significativa para analisar certos preconceitos que foram comuns na cidade de São Paulo, é a de *Pobre Paulista*, gravada em 1983 no primeiro compacto simples do grupo Ira! Principalmente os seguintes versos: “*Não quero ver mais essa gente feia / Não quero ver mais os ignorantes / Eu quero ver gente da minha terra / Eu quero ver gente do meu sangue*”.

Pobre Paulista (Edgard Scandurra)

³ Descobriu-se, depois, que o Plano Cohen era uma fraude, elaborada sob a responsabilidade do general Olímpio Mourão Filho, para justificar o golpe de 10 de novembro de 1937. Neste mesmo dia, o Diário Oficial publicou o texto da nova Constituição, elaborada por Francisco Campos (ministro da Educação).

⁴ Na circular nº 1.127, estava escrito que “[...] *fica recusado visto no passaporte a toda pessoa que se saiba, ou por declaração própria (folha de identidade), ou qualquer outro meio de informação segura, que é de origem étnica semita. No caso de haver apenas ‘suspeitas’, recomenda-se às autoridades ‘retardar a concessão do visto, até que, pelos meios de investigação eficientes ...’ consigam esclarecer a dúvida e chegar a uma decisão final [...].*” (BERCITO, 1990, p. 60; grifo meu) Tem sido comum o uso do termo semita para designar os judeus, o que é incorreto pois estes constituem uma nação, um povo que integra a família lingüística semita (de *Sem*, um dos filhos de Noé). Entre os semitas estavam incluídos, originalmente, assírios, hebreus, fenícios, árabes e outros. Integrantes do governo chegaram a impedir que judeus ameaçados pelo nazismo emigrassem para o Brasil. Um deles foi Oswaldo Aranha, ministro das Relações Exteriores. Uma circular de seu Ministério ensinava que os judeus tinham “[...] *nariz adunco, aparência servil e exalam um odor desagradável*”. (Rev. VEJA. São Paulo: Abril, 23/03/88, p. 69).

Todos os não se agitam / Toda adolescência acata / E a minha mente gira / E toda ilusão se acaba
Dentro de mim sai um monstro / Não é o bem, nem o mal / É apenas indiferença / É apenas ódio mortal
Não quero ver mais essa gente feia / Não quero ver mais os ignorantes / Eu quero ver gente da minha terra /
Eu quero ver gente do meu sangue
Pobre São Paulo, / Pobre paulista, Oh, Oh / Pobre São Paulo, / Pobre paulista, Oh, Oh (Repete desde início)
Eu sei que vivo em louca utopia / Mas tudo vai cair na realidade / Pois sinto que as coisas vão surgindo / É
só um tempo pra se rebelar
Pobre São Paulo, / Pobre paulista, Oh, Oh / Pobre São Paulo, / Pobre paulista, Oh, Oh!
Parou, pensou e chegou ... a essa conclusão
Pobre São Paulo, / Pobre paulista, Oh, Oh / Pobre São Paulo, pobre paulista... / (mais três vezes)

Toda esta situação ajuda a explicar algumas letras que pregavam a separação da região Nordeste, embora isto fosse um desejo maior do sul do país, que colocava na área a causa de nosso subdesenvolvimento e a mesma como sugadora de recursos do país, fatos que não se comprovam. Um dos antídotos nordestinos foi elaborar uma letra que falava do separatismo da região. A música *Nordeste Independente*, por exemplo, embora proibida de ter execução pública por pregar o separatismo, iniciava-se com a explicação de que era somente uma brincadeira. Mas este desejo não era brincadeira de alguns, em suas tentativas separatistas.

NORDESTE INDEPENDENTE (*Imagine o Brasil*) (Bráulio Tavares/Ivanildo Vila Nova)

[Os políticos, os homens do poder, esses que deveriam resolver, se empenhar e solucionar os problemas sérios e definitivos do país, eles permanecem em Brasília, nos gabinetes. Quando se aproxima o ano das eleições, eles saem de Brasília, eles pegam o avião, vão lá no Nordeste, sobrevoam a região, se certificam que há seca realmente no Nordeste. E entra ano sai ano, o Sertão continua ao Deus dará. Então, diante dessas circunstâncias todas, é que o poeta popular já tá fazendo música, coisas engraçadas evidentemente. É mais ou menos assim: imagine o Brasil ser dividido e o Nordeste ficar independente.]

Já que existe no Sul esse conceito/ Que o Nordeste é ruim, seco e ingrato,/ Já que existe a separação de fato,/ É preciso torná-la de direito./ Quando um dia qualquer isso for feito/ Todos dois vão lucrar imensamente/ Começando uma vida diferente/ Da que a gente até hoje tem vivido./ Imagine o Brasil ser dividido/ E o Nordeste ficar independente.

Dividindo a partir de Salvador/ O Nordeste seria outro país/ Vigoroso, leal, rico e feliz/ Sem dever a ninguém no exterior./ Jangadeiro seria o senador/ O cassado-da-roça era o suplente/ Cantador-de-violão o presidente/ E o vaqueiro era o líder do partido./ Imagine o Brasil ser dividido/ E o Nordeste ficar independente.

Em Recife o distrito industrial/ O idioma ia ser “nordestinense”/ A bandeira, de renda cearense/ “Asa Branca” era o hino nacional/ O folheto era o símbolo oficial/ A moeda, o tostão de antigamente/ Conselheiro seria o inconfidente/ Lampião, o herói esquecido/ Imagine o Brasil ser dividido/ E o Nordeste ficar independente.

O Brasil vai ter de importar/ Do Nordeste algodão, cana e caju,/ Carnaúba, laranja, babaçu,/ Abacaxi e o sal de cozinhar./ O arroz, o agave do lugar,/ O petróleo, a cebola, a aguardente./ O Nordeste é auto-suficiente./ O seu lucro seria garantido./ Imagine o Brasil ser dividido/ E o Nordeste ficar independente.

Se isso aí se tornar realidade/ E alguém do Brasil nos visitar/ Nesse nosso país vai encontrar/ Confiança, respeito e amizade./ Tem pão repartido na metade/ Tem o prato na mesa, a cama quente/ Brasileiro será irmão da gente/ Vai pra lá que será bem recebido./ Imagine o Brasil ser dividido/ E o Nordeste ficar independente.

Eu não quero com isso que vocês/ Imaginem que eu tento ser grosseiro/ Pois se lembrem que o povo brasileiro/ É amigo do povo português/ Se um dia a separação se fez/ Todos os dois se respeitam no presente/ Se isso aí já deu certo antigamente/ Nesse exemplo concreto e conhecido./ Imagine o Brasil ser dividido/ E o Nordeste ficar independente. [Falando: Povo de meu Brasil. Políticos brasileiros. Não pensem que vocês nos enganam, porque o nosso povo não é besta.]

Mulheres – Considerada minoria pelo tratamento que teve, a mulher, na música brasileira, recebeu tratamentos inadequados. E continua recebendo em algumas músicas do funk ou de rap. Nestas, com exceção das mães dos autores destas músicas, a mulher é normalmente chamada de “cachorra” e considerada de modo incorreto. Para exemplificar com algumas músicas disponíveis

pelas gravadoras, pode-se começar com a letra de *Só dando com uma pedra nela*, de Lamartine Babo, gravada em 1932 por ele e Mário Reis (1907-1981). Nesta encontra-se uma visão preconceituosa sobre idosas, pobres ou desprovidas de informação.

Só Dando com uma Pedra Nela (Lamartine Babo)

Mulher de setenta anos / já cheia de desenganos / que usa vinte e cinco gramas / de vestido na canela / Só dando com uma pedra nela! / Só dando com uma pedra nela! / [mais duas vezes]
Menina que pede esmola / com um cofre de ferro imenso / Que pede pra Santo Onofre / pra levar pra São Lourenço / Só dando com uma pedra nela! / Só dando com uma pedra nela! / [mais duas vezes]
Cantora do Instituto / que canta toda semana / Ao escrever no quadro-negro / "Artilharia" Rusticana / Jogai quadro-negro nela! / Jogai quadro-negro nela! / [mais duas vezes]
Não tomo de voleibol / Não tomo de basquetebol / com esse meu corpinho assim / eu só tomo é leite Bol / Só dando com uma pedra em mim! / Só dando com uma pedra em mim! / [mais duas vezes]

Existem outras letras que tratam da submissão da mulher ao marido como se fosse algo natural. Elas tentam segurar o seu “homem” em casa, ele vai para os bares e, quando volta, ela o perdoa. De um jeito ou de outro, é o que afirma a letra de *Com açúcar, com afeto*, composta em 1966.

Com Açúcar, Com Afeto (Chico Buarque)

Com açúcar, com afeto, / Fiz seu doce predileto / Pra você parar em casa, / Qual o quê / Com seu terno mais bonito, / Você sai, não acredito / Quando diz que não se atrasa / Você diz que é operário, / Vai em busca do salário / Pra poder me sustentar, / Qual o quê / No caminho da oficina, / Há um bar em cada esquina / Pra você comemorar, / Sei lá o quê
Sei que alguém vai sentar junto, / Você vai puxar assunto / Discutindo futebol / E ficar olhando as saias / De quem vive pelas praias / Coloridas pelo sol / Vem a noite e mais um copo, / Sei que alegre “ma non troppo” / Você vai querer cantar / Na caixinha um novo amigo / Vai bater um samba antigo / Pra você lembrar
Quando a noite enfim lhe cansa, / Você vem feito criança / Pra chorar o meu perdão, / Qual o quê / Diz pra eu não ficar sentida, / Diz que vai mudar de vida / Pra agradar meu coração / E ao lhe ver assim cansado, / Maltrapilho e maltratado / Ainda quis me aborrecer, / Qual o quê / Logo vou esquentar seu prato, / Dou um beijo em seu retrato / E abro os meus braços pra você. / Com açúcar, com afeto.

A letra a seguir (*Mulheres de Atenas*), foi feita para o teatro e faz referências a aspectos da sociedade ateniense clássica, com alusões aos poemas *Ilíada* e *Odisséia*, atribuídos a Homero. Penélope (mulher de Ulisses) teve seu marido longe de casa por vinte anos, período em que ela se comportava com absoluta fidelidade; mas sua formosura e os bens familiares atraíam a cobiça de pretendentes. Ela lhes dizia que só escolheria o futuro marido após tecer uma mortalha, que não fazia questão de terminar: passava o dia tecendo e, à noite, desmanchava o trabalho realizado. Helena, considerada a mais bela do mundo grego, era esposa de Menelau (rei de Esparta), foi seduzida e raptada por Páris (filho do rei da ilha de Tróia). Esse rapto, conforme a *Ilíada*, originou a guerra de Tróia, promovida pelos gregos para resgatar Helena.

Os autores desta canção realizaram um esmerado trabalho com a linguagem, tanto em relação à construção das frases quanto à seleção e ao uso dos termos. Na letra, “cadena” é um espanholismo que significa “cadeia”, “corrente”. “Assim, cadenas nos remete à cadeia em que as mulheres de Atenas vivem, aprisionadas pelos desejos e caprichos de seus maridos.” (ROCHA, 2008, p. 09) “Falena” é utilizada no sentido metafórico, referindo-se a prostituta ou amante.

Mesmo sendo uma letra de música, portanto um texto para ser ouvido, “Mulheres de Atenas” apresenta um primoroso trabalho formal. O texto se compõe, fundamentalmente, de cinco estrofes de nove versos cada uma. As estrofes apresentam um esquema fixo de rimas: o primeiro verso rima sempre com o segundo, o quinto, o oitavo e o nono; o terceiro rima com o quarto; o sexto com o sétimo. Do ponto de vista métrico, é inegável a habilidade do autor que abusou de uma métrica elaboradíssima: os dois primeiros versos têm 14 sílabas poéticas:

o terceiro, o quarto, o sexto e o sétimo têm oito; o quinto e o oitavo têm quatro e o nono tem duas. Os dois primeiros versos funcionam como refrão. (ROCHA, 2008, p. 06)

É comum as pessoas considerarem essa música como uma apologia à submissão e à subserviência feminina. Isto porque ela foi gravada e as pessoas a ouvem independente da peça. Muitas pessoas não entendem a sua sutileza, pois é difícil perceberem a ironia do texto. O uso de da terceira pessoa do imperativo “*Mirem-se...*” sugere que se faça o contrário e, por isso, a letra é contra a submissão das mulheres.

Mas o recurso estilístico mais importante dessa música fica reservado para a **ironia**. Esse recurso permeia toda a canção e consiste em dizer o contrário do que se está pensando ou questionar certo tipo de comportamento com a intenção de ridicularizar, de ressaltar algum aspecto passível de crítica. É nesse sentido que o autor usa o verbo “**mirem-se**” para dizer não faça isso jamais, ou seja, tome cuidado com isso; evite isso. (ROCHA, 2008, p. 12)

Por isso esta letra faz a advertência, sugerindo que as mulheres mudem de conduta: ou seja, não é para seguir o exemplo citado, é para fazer o contrário. Mas grande parte das pessoas que a ouve não consegue pensar assim.

Mulheres de Atenas (Chico Buarque/Augusto Boal)

Mirem-se no exemplo / Das aquelas mulheres de Atenas / Vivem pros seus maridos / Orgulho e raça de Atenas / Quando amadas se perfumam / Se banham com leite, se arrumam / Suas melenas / Quando fustigadas não choram / Se ajoelham, pedem, imploram / Mais duras penas, / Cadenas
Mirem-se no exemplo / Das aquelas mulheres de Atenas / Sofrem pros seus maridos / Poder e força de Atenas / Quando eles embarcam, soldados / Elas tecem longos bordados / Mil quarentenas / E quando eles voltam sedentos / Querem arrancar, violentos / Carícias plenas, / Obscenas
Mirem-se no exemplo / Das aquelas mulheres de Atenas / Despem-se pros maridos / Bravos guerreiros de Atenas / Quando eles se entopem de vinho / Costumam buscar o carinho / De outras falenas / Mas no fim da noite, aos pedaços / Quase sempre voltam pros braços / De suas pequenas, / Helenas
Mirem-se no exemplo / Das aquelas mulheres de Atenas / Geram pros seus maridos / Os novos filhos de Atenas / Elas não tem gosto ou vontade / Nem defeito, nem qualidade / Têm medo apenas / Não têm sonhos, só têm presságios / O seu homem, mares, naufrágios / Lindas sirenas, / Morenas
Mirem-se no exemplo / Das aquelas mulheres de Atenas / Temem por seus maridos / Heróis e amantes de Atenas / As jovens viúvas marcadas / E as gestantes abandonadas, / Não fazem cenas / Vestem-se de negro, se encolhem / Se conformam e se recolhem / Às suas novenas / Serenas
Mirem-se no exemplo / Das aquelas mulheres de Atenas / Secam por seus maridos / Orgulho e raça de Atenas.

Em 1927, Sinhô (1888-1930) fez uma música gravada no ano seguinte por Francisco Alves (1898-1952) e Rosa Negra, que demonstrava o preconceito em relação ao lusitano: em relação às mulatas (gostavam delas) e o preconceito em relação às mesmas (não assumiam oficialmente esta relação).

Não quero saber mais dela (Sinhô)

(Português:) Por que foi que tu deixaste / Nossa casa na Favela
(Mulata:) Não quero saber mais dela / Não quero saber mais dela
(P:) A casa que eu te dei / Tem uma porta e uma janela
(M:) Não quero saber mais dela / Não quero saber mais dela / Português, tu não me invoca / Me arrespeita, eu sou donzela! / Não vou nas tuas potoca / Nem vou morar na Favela
(P:) Eu bem sei que tu és donzela / Mas isto é uma coisa à toa / Mulata, lá na Favela / Mora muita gente boa
(M:) Aquela crioulinha / Que tu tava tanto nela ...
(P:) Não quero saber mais dela / Não quero saber mais dela
(M:) Aquela portuguesa / Que tu se casou com ela ...
(P:) Também não quero saber mais dela / Também não quero saber mais dela

Em 1938, Ary Barroso (1903-1964) e Luis Iglezias compuseram a música seguinte que, além de chamar a mulher de “pixe”, fez ainda referências ao gosto do português por mulatas. Ela foi gravada primeiramente por Carmem Miranda (1909-1955) e Almirante (1908-1980).

Boneca de Pixe (Ary Barroso/Luis Iglesias)

(Ele) Venho danado com meu calo quente / Quase enforcado com meu colarinho / Venho empurrando quase toda a gente, Eh! Eh! / Pra ver meu benzinho / Pra ver meu benzinho / Pra ver meu benzinho
(Ela) Nego tu veio quase num arranco / Cheio de dedo dentro dessas luvas / Bem que o ditado diz: nego de branco / Eh! Eh! / É sinal de chuva. / É sinal de chuva / É sinal de chuva
(Ele) Da cor do azeviche, da jaboticaba / Boneca de pixe, é tu que me acaba / Sou preto e meu gosto, ninguém me contesta, / Mas há muito branco com pinta na testa / Sou preto e meu gosto, ninguém me contesta, / Mas há muito branco com pinta na testa
(Ela) Tem português assim nas minhas águas / Que culpa eu tenho de ser boa mulata / Nego se tu borreça as minhas mágoa / Eh! Eh! / Eu te dou a lata / Eu te dou a lata / Eu te dou a lata
(ele) Não me farseia, ó muié canaia, / Se tu me engana vai haver banzé / Eu te sapeco, dou rabo-de-arraia / Eh! Eh! E te dou no pé / Eu te piso o pé / Eu te piso o pé
(Ela) Da cor do azeviche, da jaboticaba / Boneca de pixe, sou eu quem te acaba / És preto e tem gosto, ninguém te contesta / Mas há muito branco com pinta na testa / És preto e tem gosto, ninguém te contesta / Mas há muito branco com pinta na testa

Mulheres ainda padecem quando, sendo solteiras, engravidam. O preconceito social ainda é grande e elas têm, inclusive, dificuldades para arranjar um parceiro com o qual possam viver junto. Parte desta angústia é retratada na música “Mãe”, gravada por Tom Zé em 1976.

Mãe (Mãe solteira) (Tom Zé/ Elton Medeiros)

Cada passo, cada mágoa / Cada lágrima somada / Cada ponto do tricô / Seu silêncio de aranha / Vomitando paciência / Prá tecer o seu destino
Cada beijo irresponsável / Cada marca do ciúme / Cada noite de perdão / O futuro na esquina / E a clareza repentina / De estar na solidão
Dorme, dorme / Meu pecado / Minha culpa / Minha salvação. (bis)
Os vizinhos e parentes / A sociedade atenta / E a moral com suas lentes / Com desesperada calma / Sua dor calada e muda / Cada ânsia foi juntando
Preparando a armadilha / Teias, linhas e agulhas / Tudo contra a solidão / Prá poder trazer um filho / Cujas mães são seus pavores / E o pai sua coragem
Dorme, dorme / Meu pecado / Minha culpa / Minha salvação. (5x)

Recentemente uma música fez um grande sucesso e dizia sobre gestos sensuais que as meninas deveriam ter e que um tapinha não dói, desde que dado somente pelo homem. Gravada em 2.000, ela banaliza a violência e estimula a tratar de modo inferior a mulher.

Um Tapinha Não Dói (Mc Naldinho)

Vai Glamurosa / Cruze os braços no ombrinho / Lança ele prá frente / E desce bem devagarinho... / Dá uma quebradinha / E sobe devagar / Se te bota maluquinha / Um tapinha eu vou te dar / Porque: / Dói, um tapinha não dói / Um tapinha não dói / Um tapinha não dói / Só um tapinha / Dói, um tapinha não dói / Um tapinha não dói / Um tapinha não dói... / Só um tapinha (Repete todo o trecho)
Em seu cabelo vou tocar / Sua boca vou beijar / Tô visando tua bundinha / Maluquinho prá apertar...(2x)
Vai Glamurosa / Cruze os braços no ombrinho / Lança ele prá frente / E desce bem devagarinho... / Dá uma quebradinha / E sobe devagar / Se te bota maluquinha / Um tapinha eu vou te dar / Porque: / Dói, um tapinha / Dói, Dói, Dói, Dói / Dói, um tapinha / Dói, Dói, Dói, Dói / Dói, Dói, Dói, Dói / Dói, Dói, Dói, Dói... / Dói, um tapinha não dói / Um tapinha não dói / Um tapinha não dói / Só um tapinha / Dói, um tapinha não dói / Um tapinha não dói / Um tapinha não dói...

Vai Glamurosa / Cruze os braços no ombrinho... (3x) / Lança ele prá frente / E desce bem devagarinho... / Dá uma quebradinha / Dá uma quebradinha / Dá uma quebradinha / E sobe devagar / Se te bota maluquinha / Um tapinha eu vou te dar / Porque: / Só um tapinha!...

A Lei nº 11.340/06, sancionada pelo presidente em 07/08/2006, conhecida como Lei Maria da Penha, entre seus diversos aspectos, aumenta o rigor das punições contra as agressões sofridas pela mulher no âmbito doméstico. Seu nome deriva de uma homônima que foi agredida pelo marido por seis anos e que, em 1983, tentou matá-la por duas vezes: na primeira, com arma de fogo, deixou-a paraplégica; na segunda tentou eletrocutá-la (o marido, o professor universitário Marco Antonio Herredia, só foi punido depois de 19 anos e ficou somente dois anos em regime fechado). Em 1983 ela possuía 38 anos e três filhas (entre 02 e 06 anos de idade).

Homossexuais – Há muito tempo se possui um preconceito explícito sobre os homossexuais. No início, eram letras de forma irônica, dando a entender de quem tratavam. Isto tanto para os homossexuais masculino e feminino. Sobre o masculino é o caso é da marchinha de Carnaval *Cabeleira do Zezé* (1964), como se cabelo cumprido fosse sinal de feminilidade, ou *Vai ver que é* (1959), com citação de atividades que dizem que são suspeitas.

Cabeleira do Zezé (João Roberto Kelly/Roberto Faissal)

Olha a cabeleira do Zezé / Será que ele é? / Será que ele é? (bis)
Será que ele é Bossa Nova? / Será que ele é Maomé? / Parece que é transviado... / Mas isso eu não sei se ele é! / Corta o cabelo dele! / Corta o cabelo dele! / Corta o cabelo dele! / Corta o cabelo dele!

Vai ver que é (Carvalhinho/Paulo Gracindo)

Se veste de baiana para fingir que é mulher / Vai ver que é, vai ver que é. / No baile do teatro ele diz que é Salomé / Vai ver que é, vai ver que é. / Cuidado minha gente / Com este tipo de rapaz / Diz que é gente bem / Ninguém sabe o que ele faz / Se perde a lotação / Nervozinho bate o pé / Vai ver que é, vai ver que é. / Vai ver que é, vai ver que é.

Já *Maria Sapatão*, muita cantada na TV por um de seus autores – Chacrinha –, faz referências depreciativas à homossexualidade feminina.

Maria Sapatão (João Roberto Kelly/Don Carlos/Chacrinha/Leleco)

Maria Sapatão / Sapatão, Sapatão / De dia é Maria / De noite é João (bis)
O sapatão está na moda / O mundo aplaudiu / É um barato / É um sucesso / Dentro e fora do Brasil

Ações Afirmativas para combater preconceitos

Ações afirmativas se constituem em um conjunto de orientações, inclusive legais, dos poderes públicos, visando proteger um grupo discriminado e diminuir as diferenças existentes entre aqueles grupos que foram discriminados no passado, removendo as barreiras que existem. Se elas não resolvem completamente a desigualdade étnica, sem elas a situação fica pior⁵. Os aspectos jurídicos voltados para ações afirmativas podem fornecer instrumentos para a luta por uma sociedade mais igual; uma destas ações é o sistema de cotas.

No Brasil já tivemos algumas experiências de ações afirmativas como:

⁵ As ações afirmativas existentes no mundo não eram somente nos EUA e nem se referiam exclusivamente aos negros. Na Índia, na constituição de 1948, havia medidas de proteção aos intocáveis (*dalits*); na Malásia, “[...] *medidas de promoção da etnia majoritária, os ‘buniputra’, sufocados pelo poder econômico de chineses e indianos.*”; na ex-URSS, 04% das vagas da Universidade de Moscou eram para siberianos; em Israel, medidas especiais para acolher os *falashas* (judeus etíopes). E ainda para indígenas ou para mulheres em países com Nigéria, Colômbia, Canadá e outros. (SILVA, 2002, p. 110)

- O decreto 19.482, de 12/12/1930, a chamada “*Lei dos dois terços*”, do governo Vargas, que limitava a entrada de estrangeiros e impunha a obrigatoriedade de cada empresa empregar, no mínimo, 2/3 de brasileiros natos.
- A lei 5.465/68, chamada de *Lei do Boi*, que estabelecia reservas de 50% das vagas nos estabelecimentos de ensino médio agrícola e escolas superiores de Agricultura e Veterinária, da União, a agricultores e a seus filhos que residissem na zona rural e 30% aos que residissem em cidades que não possuíssem estabelecimentos de ensino médio.
- As leis que estabeleceram incentivos fiscais para a instalação de indústrias na região Nordeste, que acabaram por criar uma burguesia industrial e uma classe média mais ampla.
- A Lei 8.112/90, que estabelecia a obrigatoriedade de contratação de deficientes, com reserva de 20% das vagas nos concursos públicos, e que empresas com mais de cem funcionários necessitavam possuir, a partir de 1991, de 2% a 5% de seu quadro com estes funcionários. Também está na Constituição Federal (Art. 37, VIII).
- Para as mulheres, a licença maternidade e o mínimo de 30% delas como candidatas em todos os partidos (Lei Eleitoral nº. 9.504/97). Na Constituição Federal, ações referentes a mulheres estão previstas no art. 7, XX.

Por que estas ações não causaram tanta discussão quanto as que estabelecem o sistema de cotas para negros nas universidades públicas? Porque foram ações afirmativas, mas que ajudaram muitos “brancos”, sendo leis que não possuíam o recorte racial.

Uma das metas do sistema de cotas é a criação de condições para que pessoas negras ou mestiças (com a participação do elemento negro) possam ter acesso às boas universidades do país e se desenvolver em profissões que desejam e que até agora estavam impossibilitadas pela própria conjuntura. Ainda é preciso o oferecimento de condições materiais para estes estudantes. Estas ações têm como um de seus objetivos eliminar os efeitos persistentes da discriminação para que, pelo menos, não se perpetuem. Por isso é que elas não se limitam às cotas.

As cotas numéricas constituem um aspecto das ações afirmativas, que também estão sendo estabelecidas por empresas, públicas ou não. Isso, pelo menos, possui um aspecto pedagógico: o reconhecimento do problema da desigualdade.

Considerações Finais

“Não nos enganemos: a imagem que fazemos de outros povos, e de nós mesmos, está associada à História que nos ensinaram quando éramos crianças.” (Marc Ferro)

A identidade cultural de um país é uma construção histórica, mas a frase de Sueli Carneiro, no destaque a seguir, ilustra bem o preconceito existente no Brasil, um país que condenou legalmente práticas racistas através da chamada Lei Afonso Arinos (1951) e assinou o Artigo 14 da Convenção Internacional pela Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Racial:

A “genialidade” do racismo brasileiro reside exatamente nisso. Aqui se produziu a forma mais sofisticada e perversa de racismo que existe no mundo, porque nosso ordenamento jurídico assegurou uma igualdade formal, que dá a todos uma suposta igualdade de direitos e oportunidades, e liberou a sociedade para discriminar impunemente. (*apud RIBEIRO et alii*, 2003, p. 99)

Atitudes preconceituosas permeiam o cotidiano de muitas pessoas, de diversas classes sociais, e que não se dão conta de como o preconceito cultural está incorporado. Ainda tomam a diversidade cultural e étnica como sinônimo de desigualdade. E é difícil lutar contra preconceitos dissimulados em um país no qual ninguém admite ser racista ou preconceituoso.

Se o racismo biológico acabou sendo vencido, o das diferenças – principalmente culturais – está longe de ser. O racismo mais difícil de extirpar é aquele age pela repetição de estereótipos por gerações. Na sala de aula, pode-se evitar estas atitudes, dando uma pequena contribuição para a

construção de uma sociedade mais justa e plural, que leve em consideração as diferenças, mas não as transforme em desigualdades.

O Brasil sempre reservou aos pobres e aos negros uma educação de qualidade inferior; em primeiro lugar, dificultando o acesso e/ou permanência na escola. Mais tarde, destinando a eles escolas de pior qualidade, o que os impedia de ter acesso à universidade. O acesso ao conhecimento interfere de modo positivo na vida cotidiana, na análise crítica do legado cultural e na própria solução dos problemas. Enquanto este não é dado à maioria dos pobres e negros do país, escolas particulares foram presenteadas com renúncia fiscal.

É fácil falar em “direito à diferença”; o difícil é praticar, viver em harmonia em uma sociedade plural. Uma das razões é que existe uma forte tendência a “endogamia étnica” (casamento no próprio grupo), principalmente entre pessoas de maior posição social; além disso, a cor da pele é ainda um critério para a inserção das pessoas no mundo do trabalho. Com os dados referentes à instrução dos negros (menor índice de alfabetização, maior evasão escolar, poucos universitários) a situação se complica ainda mais, perpetuando o estigma da cor da pele. “*O direito à diferença é uma concessão feita pela maioria a certas minorias, pelos dominantes aos dominados, desde que sejam salvaguardadas as relações hierárquicas. O direito à diferença nunca chega a admitir a igualdade.*” (Martine Charlot, *apud* BERND, 1994, p. 41)

Por isso a reivindicação, pelas minorias, somente do direito à diferença pode ser uma armadilha, pois é mais fácil reconhecer a diferença do que aceitar a igualdade. Diferenciar, inferiorizar, conceder a desigualdade como benefício, são formas de racismo. Transforma-se a diferença em desigualdade. Deveria ser o direito à igualdade com diferenças culturais.

Referências Bibliográficas

ADAS, Melhem. **Estudos de Geografia**. 2ª ed. São Paulo: Moderna, 1979.

ARAÚJO, Maria Celina D'. **O Estado Novo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2.000

BERCITO, Sonia de Deus Rodrigues. **Nos tempos de Getúlio**: da revolução de 30 ao fim do Estado Novo. São Paulo: Atual, 1990. (c. História em documentos)

BERND, Zilá. **Racismo e anti-racismo**. 1ª ed. São Paulo: Moderna, 1994 (c. Polêmica)

FGV - FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. Instituto de Documentação. **Dicionário de ciências sociais**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1987.

PEREGALLI, Enrique. **Escravidão no Brasil**. 4ª ed. São Paulo: Global, 2001 (c. História popular, 4)

RIBEIRO, Renilson Rosa (org.). **O negro em folhas brancas**. 2ª ed. Campinas: UNICAMP/IFCH, 2003 (Cadernos de graduação, nº 2)

SEYFERTH, Giralda. O beneplácito da desigualdade: breve digressão sobre o racismo. In: SEYFERTH, Giralda *et alii*. **Racismo no Brasil**. 1ª ed. São Paulo: Peirópolis; ABONG, 2002, p. 17-43.

SILVA, Maria Aparecida da. Ações afirmativas para o povo negro no Brasil. In: SEYFERTH, Giralda *et alii*. **Racismo no Brasil**. 1ª ed. São Paulo: Peirópolis; ABONG, 2002, p. 105-121.

ROCHA, José Atanásio. **Análise da letra de Mulheres de Atenas**. http://www.mundocultural.com.br/analise/Mulheres_de_Atenas.PDF, acesso em 05/09/2008, às 16hs50 min.

REFERÊNCIAS A DOCUMENTOS SONOROS (LPs e CDs)

ALVES, Ataulfo. Mulata assanhada. Intérprete: Ataulfo Alves. In: _____. **Ataulfo e seus sucessos**. Rio de Janeiro: Phillips, p1968, 1 disco sonoro, lado A, faixa 03.

BABO, Lamartine; VALENÇA, Irmãos. O teu cabelo não nega. Intérprete: Coro. In: Lamartine Babo. **Carnaval de Lamartine Babo**. Rio de Janeiro: Sinter, p1955, 1 disco sonoro, Lado 2, faixa 1 (composição de 1931). Ou in: Eduardo Dussek; Soraya Ravenle et alii. **Sassaricando: e o Rio inventou a marchinha**. Rio de Janeiro: Biscoito Fino, 2 CDs, CD 2, faixa 10.

BABO, Lamartine. Só Dando com uma Pedra Nela. Intérpretes: Lamartine Babo e Mário Reis. **Só Dando com uma Pedra Nela**. Rio de Janeiro: Odeon, p1932, 1 disco sonoro (78 rpm) Lado A.

BARROSO, Ary; IGLESIAS, Luis. Boneca de Pixe. Intérpretes: Carmen Miranda e Almirante. In: Carmen Miranda. **Raízes do Samba**. Guarulhos (SP): EMI Music, p1999, 1 CD, faixa 12 (gravação de 1938).

BUARQUE, Chico. Com Açúcar, Com Afeto. Intérprete: Jane. In: Chico Buarque. **Chico Buarque de Hollanda – vol.2**. São Paulo: RGE, p1967, 1 disco sonoro, Lado 1, faixa 03.

BUARQUE, Chico; BOAL, Augusto. Mulheres de Atenas. Intérprete: Chico Buarque. In: _____. **Meus caros amigos**. Rio de Janeiro: Polygram, p1993, 1 CD, faixa 02 (gravação de 1976)

CARVALHINHO; GRACINDO, Paulo. Vai ver que é. Intérprete: Sabrina Korgut. In: Eduardo Dussek; Soraya Ravenle et alii. **Sassaricando: e o Rio inventou a marchinha**. Rio de Janeiro: Biscoito Fino, 2 CDs, CD 2, faixa 09.

GIL, Gilberto. Oração pela libertação da África do Sul. Intérprete: Gilberto Gil. In: _____. **Dia dorim noite neon**. Rio de Janeiro: Warner, p1985, 1 disco sonoro, Lado B, faixa 02.

GONÇALEZ, Henrique. Amigo Urso. Intérprete: Moreira da Silva. In: _____. **Moreira da Silva – Para Sempre**. Rio de Janeiro: EMI, p2001, 1 CD, faixa 03 (gravação de 1958).

KELLY, João Roberto; CARLOS, Don; CHACRINHA; LELECO. Maria Sapatão. Intérprete: Pedro Paulo Malta. In: Eduardo Dussek; Soraya Ravenle et alii. **Sassaricando: e o Rio inventou a marchinha**. Rio de Janeiro: Biscoito Fino, 2 CDs, CD 2, faixa 09.

KELLY, João Roberto; FAISSAL, Roberto. Cabeleira do Zezé. Intérprete: Eduardo Dussek. In: Eduardo Dussek et alii. **Sassaricando: e o Rio inventou a marchinha**. Rio de Janeiro: Biscoito Fino, 2 CDs, CD 2, faixa 08.

MC NALDINHO. **Um Tapinha Não Dói**. Intérprete: MC Naldinho. Rio de Janeiro: Furacão 2000, p2000, 1CD.

NASCIMENTO, Milton. Morro Velho. Intérprete: Milton Nascimento. In: _____. **Travessia**. Rio de Janeiro: CBS, p1967, 1 disco sonoro, lado 2, faixa 02.

NASSER, David; RUBENS. Nega do cabelo duro. Intérprete: Anjos do Inferno. In: _____. **Nega do cabelo duro**. Rio de Janeiro: Colúmbia, p1942, 1 disco sonoro (78 rpm), lado A. OU: Planet Hemp. **Os cães ladram mas a caravana não pára**. Rio de Janeiro: Sony Music, 1997, 1 CD, faixa 13.

ROSA, Noel. Pesado 13. Intérprete: Paulo Netto de Freitas. In: Diversos. **Noel pela primeira vez**. Rio de Janeiro: Funarte/Velas, p2.000, 14 CDs, CD 2, faixa 04 (gravação de 1931)

ROSA, Noel. Cordiais saudações. Intérprete: Noel Rosa. In: Diversos. **Noel pela primeira vez**. Rio de Janeiro: Funarte/Velas, p2.000, 14 CDs, CD 1, faixa 19 (gravação de 1931)

ROSA, Noel. Quem dá mais. Intérprete: Noel Rosa. In: Diversos. **Noel pela primeira vez**. Rio de Janeiro: Funarte/Velas, p2.000, 14 CDs, CD 2, faixa 26 (gravação de 1932)

SCANDURRA, Edgard. Pobre Paulista. Intérprete: Ira!. In: _____. **E-Collection - IRA!** Rio de Janeiro: WEA, p2000, 2 CDs, CD 1, faixa 08.

SIMONAL, Wilson; BÔSCOLI, Ronaldo. Tributo a Martin Luther King. Intérprete: Wilson Simonal. In: _____. **A bossa e o balanço**. Rio de Janeiro: Warner Music, p1994, 1 CD, faixa 20 (Coletânea)

SINHÔ. Não quero saber mais dela. Intérpretes: Francisco Alves e Rosa Negra. In: Sinhô. **Música Popular Brasileira 33**. São Paulo: Abril Cultural, p1971, 1 disco sonoro Lado 1, Faixa 04 (gravação de 1927). Também em: Lira Carioca. **É sim, Sinhô**. Rio de Janeiro: Kuarup Discos, s/d, 1 CD, faixa 14.

TAVARES, Bráulio; NOVA, Ivanildo Vila. Nordeste Independente (Imagine o Brasil). Intérprete: ELBA RAMALHO. In: Elba Ramalho. **Minha História**. São Paulo: Polygram, s/d, 1 CD, faixa 04 (gravação de 1984)

ZÉ, Tom; MEDEIROS, Elton. Mãe (Mãe solteira). Intérprete: Tom Zé. In: _____. **Estudando o samba**. São Paulo: Continental, p1976, 1 disco sonoro, lado B, faixa 02.